

Os desafios da docência na Educação Superior: um diálogo com professores do curso de Ciências Contábeis

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo principal compreender quais os desafios encontrados no trabalho docente na educação superior por professores do curso de graduação em ciências contábeis. Assim sendo, a pergunta norteadora desta pesquisa foi: Quais os desafios encontrados no trabalho docente na educação superior por professores do curso de graduação em ciências contábeis? Para tanto, esta pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa descritiva e de caráter qualitativo. O contexto de investigação foi constituído por uma Instituição de Ensino Superior (IES) localizada em Chapecó, que oferece o curso de graduação (Bacharelado) em Ciências Contábeis. O grupo de colaboradores foi constituído por dez professores, identificados a partir do mapeamento dos docentes vinculados ao curso de bacharelado em Ciências Contábeis da referida IES. A coleta dos dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas com os colaboradores selecionados. Quanto ao processo interpretativo, utilizamos a análise temática de Minayo (2008), que se divide em três etapas: 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Dentre os desafios apontados, destacam-se os que se referem ao problema de se conciliar todas as atividades atribuídas aos professores que se inserem na Educação Superior, a amplitude dos ofícios requisitados aos professores, a formação do professor, a mudança no perfil do estudante e em como isso afeta a prática pedagógica e o trabalho docente dos professores, a complexidade em conciliar ensino, pesquisa, extensão e gestão, como desafios profissionais dentro da universidade.

Palavras-chave: Trabalho docente; Educação Superior; Desafios; Ciências Contábeis.

Linha Temática: Pesquisa e ensino em contabilidade - Tecnologias e técnicas de ensino, abordagens normativa, positiva, axiomática, semiótica e histórica.

Realização:



1 Introdução

Discutir sobre os desafios da docência, implica em refletir acerca das condições do trabalho docente na Educação Superior, sobre a universidade, sobre a prática dos professores, sobre seus saberes, e sua formação. Discutir os princípios da universidade coloca a centralidade da discussão na figura do professor da Educação Superior, no intuito de compreender o cenário no qual se movimenta, promovendo uma constante circularidade dialética entre as questões ontológicas, teleológicas e axiológicas da docência. Assim também comentam Souza-Silva e Davel (2005), ao mencionarem que compreender os desafios da Educação Superior perpassa pela discussão que envolve a universidade em seus aspectos institucional, legislativo, sócio econômico e profissional.

A universidade, neste sentido, pode ser compreendida como o tempo e lugar para argumentação do que já foi posto como conhecimento prático e teórico na sociedade humana, e diferencia-se de todas as outras instituições pela possibilidade de constante dinâmica reflexiva (Schneider, 2014). Para o autor, a universidade é universal por definição, amante da luz, crítica, livre, diferente, e é lugar de reflexões, argumentações, de diálogos, e interdisciplinaridade. Instaurando, dessa forma, a argumentação como condição de possibilidade, poder e vetor de uma reflexão, afirmando o exercício livre do pensamento, promovendo a autonomia e a construção do seu próprio saber.

Entretanto, a universidade, conforme Santos (2011a), está a ser confrontada com perguntas fortes, mas que vem fornecendo apenas respostas fracas, sendo as mais fracas as não-respostas, os silêncios. As perguntas fortes atingem as raízes da própria identidade histórica e vocação da universidade, e são perguntas que suscitam um tipo particular de perplexidade. Santos (2011a) questiona a respeito da encruzilhada da universidade, e da universidade no século XXI. Entre os seus questionamos, pergunta: qual é o lugar da universidade ou a especificidade da universidade como um centro de difusão do conhecimento se existem outros centros de produção e difusão do conhecimento no mundo contemporâneo? E de que lado está a universidade? A universidade tornar-se-á uma empresa transnacional, uma cooperativa ou organização sem fins lucrativos transnacionais? E será que a universidade poderá preservar sua especificidade e autonomia frente aos imperativos de mercado e as exigências do mercado de trabalho? O que acontecerá ao saber que não tem e não deve ter valor de mercado?

Entende-se que a universidade se movimenta em meio de conflitos de interesse, diferentes tensões e desafios que atingem profundamente o trabalho docente do professor que atua na Educação Superior. Desafios estes, que são semelhantes e distintos, ao mesmo tempo, em qualquer universidade, independente do país ou continente. Neste sentido, as universidades se aproximam e se distanciam, em um movimento elástico constante de atração e distanciamento. Sendo que, ao mesmo tempo em que enfrentam os desafios, também aprendem a conviver com eles.

Com base neste cenário, esta pesquisa teve como problema norteador: Quais os desafios encontrados no trabalho docente na educação superior por professores do curso de graduação em ciências contábeis? Assim sendo, o objetivo geral consistiu em compreender quais os desafios encontrados no trabalho docente na educação superior por professores do curso de graduação em

Realização:



ciências contábeis, no intuito de discutir sobre os desafios observados e de que forma isso implica no trabalho docente nas universidades. Dessa forma, o estudo justifica-se pela relevância e importância da aproximação deste diálogo no campo das ciências contábeis e a abertura de novos horizontes no que tange aos assuntos relacionados à docência.

Desta maneira, após este movimento introdutório, o estudo divide-se em outras três seções. A seguir apresentam-se os caminhos teóricos metodológicos percorridos para realizar esta pesquisa, partindo para a discussão dos argumentos produzidos a partir do trabalho de campo juntamente com o aprofundamento teórico realizado. Por fim, apresentam-se as considerações finais do estudo.

2 Caminhos teórico-metodológicos

Esta pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa descritiva de caráter qualitativo, derivada de uma pesquisa de mestrado que objetivou compreender o processo de formação para a docência universitária no campo das ciências contábeis, aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unochapecó com o número CAAE 72493417.0.0000.0116. Uma pesquisa é definida conforme Minayo (2008) como uma “[...] indagação e construção da realidade. É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino. Pesquisar constitui uma atitude e uma prática teórica de constante busca” (p. 47). É ainda uma constante aproximação da realidade que não se esgota, fazendo combinações de teorias e dados, pensamentos e ações.

O contexto de investigação foi constituído por uma Instituição de Ensino Superior (IES) localizada em Chapecó, que oferece o curso de graduação (Bacharelado) em Ciências Contábeis. O grupo de colaboradores foi constituído a partir do mapeamento dos docentes vinculados ao curso de bacharelado em Ciências Contábeis da referida IES. A escolha dos docentes que compuseram o grupo de colaboradores partiu dos critérios elencados a seguir: a) possuir formação inicial de Bacharelado em Ciências Contábeis; b) ser professor titular do quadro docente; c) ministrar disciplinas regularmente no curso de Bacharelado em Ciências Contábeis; d) possuir Mestrado e/ou Doutorado.

Após a definição destes critérios, verificamos as informações contidas no website da IES, referente ao corpo docente do curso, e o currículo disponível na Plataforma Lattes de cada docente, a fim de delimitar os colaboradores. Assim, foram mapeados doze professores que atendiam os critérios elencados anteriormente. Os colaboradores foram convidados por e-mail para fazer parte do estudo, tendo sua adesão voluntária. Dessa forma, dos doze professores convidados, dez aceitaram fazer parte dessa pesquisa (sete colaboradores do gênero masculino e três do gênero feminino). Dois professores, por motivos de saúde, não aceitaram fazer parte da pesquisa. Após o retorno dos colaboradores, foram agendadas entrevistas individuais em horário e local conforme disponibilidade dos colaboradores.

A coleta dos dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas com os colaboradores selecionados. A fim de garantir o sigilo e anonimato dos interlocutores, optamos por identificar cada colaborador com o nome de um Rio (Rio Feliciano, Rio Ariranha, Rio Jacutinga, Rio das Antas, Rio Chalana, Rio Uruguai, Rio Irani, Rio Chapecozinho, Rio Chapecó, e Rio do Peixe). Quanto ao processo interpretativo, utilizamos a análise temática de Minayo (2008), que se divide em três etapas: 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos

Realização:

resultados obtidos e interpretação. A seguir, apresentaremos os principais elementos produzidos ao longo da investigação.

3 As inquietações dos colaboradores frente aos desafios na educação superior: aproximações...

Ao discutir sobre os desafios da docência na Educação Superior, abre-se espaço para discutir sobre a universidade, bem como, sobre as tensões que emergem frente ao trabalho docente na Educação Superior. Corroborando com Rezer (2014), entende-se o trabalho docente como um esforço que exige erudição, e que não deve ser reduzido a um trabalho exclusivamente técnico de ensinar algo a alguém. Segundo o autor, a ampliação da compreensão sobre a universidade possibilita um movimento de alargamento dos horizontes do trabalho docente em seu interior e os desafios que emergem deste processo.

Para Tardif e Lessard (2014) compreender a docência como um trabalho é entender que a docência é uma forma particular de trabalho sobre o humano, é uma atividade que se dedica a outro ser humano, em uma interação humana. Os autores elencam cinco motivos que fundamentam a abordagem da docência como um trabalho interativo. O primeiro motivo apresentado por Tardif e Lessard (2014) é com relação ao trabalho docente como uma das chaves para a compreensão das transformações atuais das sociedades do trabalho. Desta maneira, entende-se que as pessoas não são um meio ou uma finalidade do trabalho, mas a matéria-prima do trabalho interativo e o primeiro desafios dos docentes.

O segundo motivo diz respeito à centralidade da docência na organização do trabalho. O terceiro motivo enaltece que é impossível compreender o que os professores realmente fazem sem interrogar e elucidar os modelos de gestão e de realização do seu trabalho. O quarto motivo está ligado à questão da profissionalização do trabalho docente, entendendo que a mesma coloca o problema do poder na organização do trabalho docente. E o quinto e último motivo refere-se à docência como um trabalho interativo com seu objetivo humano, afirmando que ensinar é “[...] trabalhar com seres humanos, sobre seres humanos, para seres humanos” (Tardif & Lessard, 2014, p. 31).

Assim afirmam os autores ao dizer que,

[...] todo trabalho sobre e com seres humanos faz retornar sobre si a humanidade de seu objeto: o trabalhador pode assumir ou negar essa humanidade de mil maneiras, mas ela é incontornável para ele, pelo simples fato de interrogar sua própria humanidade. O tratamento reservado ao objeto, assim, não pode mais se reduzir à sua transformação objetiva, técnica, instrumental; ele levanta as questões complexas do poder, da afetividade e da ética, que são inerentes à interação humana, à relação com o outro. (Tardif & Lessard, 2014, p. 30).

Sendo assim, em qualquer ocupação, arte ou ciência, ofício ou profissão, a relação do trabalhador com o seu objeto, e a natureza deste objeto são essenciais para compreender a atividade em questão (Tardif & Lessard, 2014). Assim, o trabalho docente, para os autores, é um trabalho cujo objeto não é uma matéria inerte ou de símbolos, mas de relações humanas com pessoas dotadas de iniciativa e de uma capacidade de resistir ou de participar da ação dos

Realização:



professores. Este trabalho, portanto, conjuga atividades de instruir, supervisionar, servir, entreter, divertir, curar, cuidar, controlar, entre outros.

Deste modo, a docência e o trabalho docente podem ser compreendidos com limites imprecisos e variáveis de acordo com os indivíduos e circunstâncias (Tardif & Lessard, 2014). Os autores argumentam que o trabalho é denominado como parcialmente flexível e parcialmente elásticos, dependendo de limites quantitativos e qualitativos, assim como de tarefas que variam de acordo com a frequência, pois depende da relação do professor com seu trabalho e das experiências do professor. Ou seja, as tarefas e responsabilidades, exigências e desafios possibilitam maior ou menor autonomia dos professores em seu cotidiano (Rezer, 2014). Nesta lógica, há sempre uma tensão, entre a autonomia e a heteronomia, entre uma autonomia relativa e uma heteronomia necessária.

Esta condição flexível e elástica, conforme Rezer (2014) é entendida como uma estruturação na qual o professor organiza suas intervenções ao longo do período letivo entre as atividades de sala de aula, pesquisa, ensino, extensão e gestão. Para o autor, em alguns ambientes há a possibilidade dos docentes assumirem ou não determinadas disciplinas, pesquisar ou não assuntos diferentes, e promover ações de extensão dentro de suas possibilidades. Todavia, em outros contextos nem todos os postos de trabalho admitem esta mesma flexibilidade. Assim, este processo pode expressar uma tensão entre aquilo que o professor deseja e aquilo que a IES prioriza. O trabalho digno, desta maneira, se dá na medida em que este cruzamento dos horizontes do professor e da instituição se articula, ora cedendo um, ora avançando outro, ora vice-versa.

Os colaboradores desta pesquisa, ao serem questionados sobre a conjuntura da Educação Superior, retratam os desafios em conciliar todas as atividades, a amplitude destes ofícios requisitados aos professores, ao que vem externamente trazido pelo acadêmico e que se refere às informações e ao mercado de trabalho, as restrições de recursos, a dificuldade em estabelecer um processo mais interativo com as empresas, com a comunidade e com o ambiente externo da universidade, e as responsabilidades que implicam neste processo. Neste sentido, Rio Irani comenta que “[...] o maior desafio é você conciliar a amplitude das atividades. Hoje eu tenho atividade na graduação, atividade na pós-graduação, atividade familiar, atividade em sala, e estou fazendo a tese do doutorado”. Desta forma, a questão que fica é como lidar com todas estas questões frente a um movimento de intensificação do trabalho docente. A intensificação do trabalho docente, deste modo, é um desafio enfrentado pelos professores, visto a demanda cada vez maior de atividades a serem requisitadas.

Nesta perspectiva, Rezer (2014) aborda sobre a “pulverização das ações”, entendida como uma ampliação da intervenção dos professores em seu cotidiano, e de um aumento das demandas para os professores, gerando conseqüentemente a diminuição de tempo para lidar com todas estas situações. Isto faz com que haja uma fragmentação da atenção do docente frente à diversidade de componentes que os professores passam a lidar em seu cotidiano. Para o autor, o dilema enfrentado diz respeito às várias demandas, a um quadro docente cada vez menor, e um tempo reduzido para dar conta das exigências diversas. Nas palavras de Rio Irani “[...] você é cobrado por muitas coisas, e você também é responsável por muitas coisas. [...] são inúmeras atividades que você está na frente e você sabe que você precisa fazer bem feito a grande maioria delas”.

Realização:

Assim também comenta Rio Chapecozinho ao dizer que “[...] o maior desafio é você estar preparado para fazer bem feito”.

Tardif e Lessard (2014) afirmam que:

[...] como em qualquer outra profissão, alguns professores fazem exata e unicamente o que é previsto pelas normas oficiais da organização escolar, ao passo que outros se engajam a fundo num trabalho que chega a tomar um tempo considerável, até mesmo invadindo sua vida particular, as noites, os fins de semana, sem falar das atividades de duração mais longa, como cursos de aperfeiçoamento, de formação específica, atividades paraescolares ou sindicais, das associações de profissionais, dos clubes esportivos para jovens, etc. (p. 113).

Ainda, para Tardif e Lessard (2014) a noção de carga de trabalho é complexa e envolve aspectos como fatores materiais e ambientais, fatores sociais, fatores ligados ao objeto de trabalho, fenômenos resultantes da organização do trabalho, exigências formais e burocráticas a cumprir, e os modos como os professores lidam com todos estes fenômenos e as estratégias que elaboram para assumi-los ou evitá-los. Os autores ainda enfatizam que estes fatores não se somam simplesmente, mas atuam simultaneamente, criando uma carga de trabalho complexa, variada, e portadora de tensões diversas.

De fato, o aumento das demandas e cargas é direcionado aos docentes que estão mais engajados e que possuem dedicação exclusiva dentro da universidade, que segundo Rezer (2014), pagam alto preço pelas imposições destas condições. Cabe, portanto, a discussão sobre a desnaturalização desta situação do professor que, devido às inúmeras demandas, é conduzido a uma condição de operário especializado em determinado assunto, sendo sobrecarregado de tarefas e atribuições que acarretam em desdobramentos nocivos ao seu trabalho docente (Rezer, 2014).

Outro aspecto a se discutir é o que comenta Rio Ariranha, ao dizer que “[...] a universidade não é uma ilha, o curso não é uma ilha”, ou seja, o ambiente externo também influencia nas atividades do trabalho docente dentro da universidade, novamente entre a tensão de uma autonomia e de uma heteronomia. Dessa forma, Rio Ariranha aponta que “[...] o aluno quando ele entra, ele trás todos os problemas no ambiente externo. [...] não estou dizendo que o aluno é ruim. Eu estou dizendo que o ambiente que o aluno vive trás consequências diretas para dentro da universidade”. Assim, não se pode desconsiderar o acadêmico, o ambiente em que o acadêmico vive, e a relação que se estabelece neste processo como um desafio dentro do trabalho docente do professor.

Segundo Rio Ariranha, sua grande preocupação se baseia principalmente nos fatores externos que o acadêmico trás para a sala de aula, e em como ele está formando o futuro contador. Em suas palavras “[...] até quando esse modelo de universidade vai ser sustentado? Até quando o nosso mercado, ou o fator externo não vai intervir no processo da profissão que mude radicalmente, que modifique a estrutura dessas profissões?”.

Assim sendo, observa-se que estas tensões eclodem para um panorama que coloca a universidade em um “não mais” e um “ainda não”, tal como comenta Stein (2001) ao dizer que pagamos o preço de sermos “[...] seres do não mais e do ainda não” (p.31). Para o autor, esta

ilustração representa a tensão da condição em que a universidade se coloca no contemporâneo. Dessa forma, a universidade tenta se afirmar em meio a tensões, incertezas, e desafios que decorrem dessa transição do “não mais” e do “ainda não”. Cogita-se, portanto, conforme a fala de Rio Ariranha, a tensão existente entre um “não mais” e um “ainda não”, e se o “não mais” já não é mais, e “ainda não” ainda não chegou, a pergunta que fica é, conforme aponta Stein (2001), “[...] como nós podemos sustentar esta situação de estar entre o *não mais* e o *ainda não*” (p.31).

Cunha (2008) ressalta que, na Educação Superior, as principais questões que dizem respeito aos processos que os docentes enfrentam são:

[...] em que medida o professor consegue atender as expectativas de meus alunos? Como compatibilizá-las com as exigências institucionais? Como motivar os alunos para as aprendizagens que extrapolam o utilitarismo pragmático que está em seus imaginários? Como trabalhar com turmas heterogêneas e respeitar as diferenças? Que alternativas há para compatibilizar as novas tecnologias com a reflexão ética? De que maneira é possível aliar ensino e pesquisa? Que competências são necessárias para interpretar os fatos cotidianos e articulá-los com meu conteúdo? Como enfrentar o desafio da interdisciplinaridade? Deve, o professor, continuar preocupado com o cumprimento do programa de ensino mesmo que os alunos não demonstrem interesse/prontidão para o mesmo? Como, em contrapartida, garante conhecimentos que lhes permitam percorrer a trajetória prevista pelo currículo? Tem sentido colocar energias em novas alternativas de ensinar e aprender? Como fugir de avaliações prescritivas e classificatórias e, ao mesmo tempo, manter o rigor no meu trabalho? Como pode contribuir para propostas curriculares inovadoras? (Cunha, 2008, p. 19-20).

Dessa forma, conforme Cunha (2008), estas falas imprimem as principais crises, tensões e dilemas que são enfrentados pelos professores da Educação Superior. Segundo a autora, uma vez que são abalados os conhecimentos que davam sustentação a um ensino prescritivo e legitimado pelo conhecimento científico, o professor vê-se na emergência de construir novos saberes. Dentre estes questionamentos apontados pela autora, ressalta-se que atender as expectativas dos alunos é sempre complexo, pois não há como medir estas expectativas, entender como elas são fundamentadas, ou da onde vem o que eles querem. Da mesma forma, não há como garantir que os conhecimentos previstos pelo currículo sejam de fato incorporados pelos estudantes.

Ainda, é um grande desafio pensar em cumprir o cronograma de ensino, realizando tudo o que foi planejado no início da disciplina, tendo em vista que cada turma é sempre diferente, e que por vezes os estudantes não demonstram interesse e prontidão. Ao mesmo tempo, isto depende do quanto apostamos nossas fichas em nossas propostas e no nosso trabalho enquanto docentes. Logo, motivar os estudantes para as aprendizagens que extrapolam o utilitarismo pragmático que está em seus imaginários, depende também de compreendermos melhor isso, na medida em que estudamos como se forma este imaginário e as condições do nosso tempo. Por fim, discutir sobre propostas curriculares inovadoras, é questionar também o que seria inovador, e o que seria inovar dentro das propostas curriculares.

Assim sendo, a docência é considerada uma atividade complexa por decorrer do desafio à especificidade do processo de aprendizagem de pessoas adultas na sua trajetória profissional (Soares & Cunha, 2010). Para as autoras, a complexidade na aprendizagem de adultos admite que

as suas experiências sejam contempladas, que os conteúdos tenham sentido ao estudante, que o ensino seja baseado na busca de soluções para situações-problemas a partir da aplicabilidade dos conteúdos. Ou seja, a motivação para aprender decorre da compreensão do que e como é ensinado.

A complexidade da docência também perpassa por outros fatores tais como o caráter interativo, ou seja, ensinar é desenvolver um programa de interações com os estudantes tendo em vista um objetivo formativo em que circunda a aprendizagem de conhecimentos. Considerar o caráter interativo é reconhecer que o processo formativo se desenvolve em um contexto grupal. Assim, o contexto grupal deixa de ser um cenário e passa a ser um princípio educativo. A complexidade configura-se também por ser um espaço de conexão de conhecimentos, subjetividades e culturas, em que se requerem conteúdos científicos, tecnológicos ou artísticos especializados e voltados à formação de uma profissão. Por conseguinte, a docência é uma atividade complexa do ponto de vista político, social, intelectual, psicológico e pedagógico (Soares & Cunha, 2010).

Neste aspecto, os colaboradores desta pesquisa enfatizam como desafios da docência a relação com os estudantes, em como manter o estudante focado em suas aulas, a construção pedagógica em suas disciplinas para melhor formar o acadêmico, o cumprimento do plano de ensino, o processo avaliativo, as tecnologias, instigar para que se dediquem em leituras e trabalhos extraclasse, atender aos objetivos e intenções dos estudantes com relação ao curso, e as próprias mudanças nos horizontes e perfis dos alunos que adentram a Educação Superior. Isto, sem contar os desafios da educação à distância, que no momento assolam o trabalho docente, em especial a prática pedagógica. Os docentes, neste sentido, buscam em um esforço hercúleo se aproximar deste cenário que se apresenta. Nas palavras dos interlocutores desta pesquisa:

[...] o difícil é o que você vai fazer, quando você vai fazer. [...] me preocupa mais a minha construção pedagógica, em ter várias alternativas, vários caminhos que eu possa seguir, do que propriamente ter um cronograma bem completo. [...] o tempo que você gasta para tudo isso muitas vezes é desproporcional ao resultado final. (Rio Ariranha)

[...] desafios: como cativar o aluno para ele vir para a sala de aula, se é que ainda ele precisa vir para a sala de aula, muito está se estudando sobre o ensino à distância, o ensino híbrido, meio a meio. [...] de que forma fazer com que ele venha, que ele estude, que ele busque aprender por gosto, por prazer, por realização. (Rio Jacutinga)

[...] desafio agora de nós professores na educação, é o ensino à distância, que hoje ainda está um pouco assustador para quem trabalha com a aula presencial. [...] não pelo sentido de que o EAD vai ser uma coisa ruim, mas no sentido de que agora eu tenho que me desafiar a preparar uma aula para um curso a distância. Como eu faço? [...] grande desafio do ensino superior agora: os professores se prepararem para essa nova atividade, essa nova função do professor à distância. (Rio Chalana).

[...] hoje na questão da docência é você fazer o aluno se dedicar um pouco extraclasse. [...] o nível de conhecimento técnico que o aluno chega pra gente tem caindo. [...] e a leitura é uma dificuldade muito grande em qualquer ambiente de ensino hoje. (Rio Chapecó).

[...] quando a gente está avaliando uma prova, por exemplo, em vários momentos olho duas, ou três vezes e “será que não tem um zero vírgula alguma coisa aqui, ali”, até porque eu diria, o professor não sente prazer em reprovar. E eu de novo agora senti isso na volta para a graduação. [...] atribuo uma nota que eu chamo de participação. Mas a participação não é o aluno somente falar, porque você tem um aluno que ele é quietinho na sala de aula, ele tem receio de se expor. Mas sim, quando eu falo em participação seria o conjunto da obra, ou seja, o interesse dele na sala de aula. [...] às vezes a gente quase que desanima nesse sentido. [...] por mais que a gente tente ajudar o aluno, mas ele tem a parte que é dele. (Rio do Peixe).

[...] a questão do compromisso que é atuar na docência superior, porque a gente está ajudando a formar, digamos assim, a vida profissional das pessoas que passam e da responsabilidade de estar sempre atualizado. Técnica e conteúdo, mas também preocupado com essas questões de não só o que eu ensino, mas como eu ensino, de que forma eu ensino, para que isso faça mais sentido para o aluno. Se não fizer sentido para o aluno, ele desmotiva, ele desiste, ele troca de curso. Às vezes ele volta de novo, porque era aquilo que ele queria fazer, mas você como professor não teve, digamos assim, habilidade de integrar. [...] apesar de estar a dezoito anos atuando, a gente percebe que sempre tem muitas coisas que ainda não foram incorporadas e que a gente tem a oportunidade de fazer. (Rio Uruguai).

A partir destes depoimentos, verifica-se que as preocupações e tensões dos colaboradores perpassam pela responsabilidade e compromisso em formar os futuros profissionais, como aponta Rio Uruguai, principalmente em fazer sentido para o estudante, questionando-se como que ensina, de que forma se ensina e não somente o que ensina. Dessa forma, o trabalho docente exige dos professores uma aproximação constante às situações particulares, especialmente as que se direcionam a sala de aula com os estudantes, a preparação das aulas e as avaliações (Tardif, 2012). É nesta lógica que o autor comenta que o trabalho pedagógico dos professores consiste em gerir relações sociais com seus alunos e por este motivo, a docência caracteriza-se por conter em sua estrutura tensões e dilemas, negociações e estratégias de interação. Isto posto, ensinar é suscitar um programa de interações com um grupo de indivíduos, a fim de atingir determinados objetivos educativos que dizem respeito à aprendizagem de conhecimento e à socialização.

O autor argumenta que é difícil, se não quase impossível, especificar claramente se o produto do seu trabalho foi realizado, sendo o produto do ensino uma grande intangibilidade e difícil de ser mensurado e avaliável, contudo, isto não nos impede de projetar cenários. Como resultado, Tardif (2012) aponta que o trabalho dos professores nunca é perfeitamente claro, pois está sempre imbricado em conflitos de interpretações, sem saber ao certo se os resultados almejados foram de fato atingidos. Logo, o consumo do produto, o aprender, é produzido conforme a produção, ou seja, o fazer aprender, embora tenhamos a pretensão de saber o que não pode ser sabido, mas sim, perspectivado.

Deste modo, por lidar com seres humanos, o professor necessita desenvolver comportamentos que sejam significativos para seus estudantes (Tardif, 2012). Assim, conforme o autor, o principal desafio da atividade docente não é provocar mudanças causais num mundo objetivo, mas alcançar o empenho dos envolvidos considerando os seus motivos, os seus desejos,

e os significados que atribuem à atividade de aprendizagem. O trabalho docente, portanto, é um trabalho que contempla um conjunto de interações personalizadas a fim de mobilizar a participação dos estudantes em seu próprio processo de formação atendendo às diferentes necessidades. Destarte, estas relações implicam em os professores se envolverem pessoalmente, no qual tem o objetivo de obter o consentimento, o assentimento e a participação. Desta forma, todo o professor desloca para a sua prática aquilo que é como pessoa (Tardif, 2012).

A pedagogia, em vista disso, não deve ser associada ou reduzida à utilização de instrumentos ou a técnicas, mas deve ser entendida como uma prática social global e complexa, interativa e simbólica ao mesmo tempo. Além disso, a pedagogia enquanto uma ação instrumental, não pode ser separada dos dilemas que marcam o trabalho docente, nem das implicações éticas e deontológicas que o estruturam (Tardif, 2012). Por conseguinte, são inúmeros os desafios advindos do trabalho docente, da docência, e da prática pedagógica na Educação Superior. As condições de trabalho nem sempre garantem com que os professores desenvolvam suas tarefas e atividades com destreza, dedicando-se e haurindo esforços naquilo que é necessário, urgente, e no que a IES determina como exigência para o momento. A conjuntura da Educação Superior, dessa forma, propõe um cenário imerso em tensões, em contradições, em um horizonte cada vez mais desafiador aos docentes e as próprias IES.

As condições da pesquisa e da extensão também foram relatadas pelos colaboradores desta pesquisa como atividades que se entrelaçam com o trabalho docente na Educação Superior. A gestão dentro da universidade, em especial, caracterizou-se como um desafio profissional. Para Cunha (2008), o trabalho na Educação Superior assume uma conotação de ação complexa, exigindo saberes de diferentes naturezas, alicerçados na cultura em que o professor se constitui, e na compreensão teórica que justifica as suas ações. Assim sendo, os saberes requeridos para a atuação do docente englobam um cenário que até então era representado por um baixo prestígio, pois extrapolam a possibilidade de quantificar os produtos.

Para Soares e Cunha (2010) reconhece-se a competência de pesquisa como o principal atributo do docente universitário, considerando-se a pesquisa como o meio fundamental para desenvolver nos estudantes o questionamento, a reflexão crítica, e a problematização na perspectiva de uma formação da autonomia. Dessa forma, para as autoras, a aprendizagem do estudante é entendida como a construção do saber que lhe é própria, e entre o elo da relação que existe entre o ensino e a pesquisa na graduação.

Posto isto, os colaboradores mencionam que, na pesquisa, encontram desafios no âmbito de despertar no acadêmico a importância da pesquisa, e em despertar no acadêmico o hábito da leitura. Nas palavras dos colaboradores,

[...] nosso papel, enquanto docente, está em mostrar para o acadêmico a importância da pesquisa. [...] até o aluno compreender [...] que todas as atividades de pesquisa podem gerar um benefício, não só acadêmico, mas profissional e no campo na ciência, eu acho que é algo que demora um pouco. [...] leva um tempo para maturar o quanto à atividade que ele está desenvolvendo ali tem relevância e tem uma importância, tanto para ele que vai se beneficiar disso, quanto para todo o mercado na prática, na execução da pesquisa. (Rio Ariranha)

[...] a dificuldade que eu vejo é substancialmente a carência de leitura dos alunos sobre os temas e a demora em entender que para fazer pesquisa não tem outro jeito a não ser ele se debruçar sobre aquele tema, fazendo leituras, de novo, e de novo, e de novo. Relendo e mostrando ao professor, e arrumando. (Rio Uruguai).

Nesta perspectiva, observa-se que a pesquisa é entendida como importante pelos colaboradores, contudo, de difícil compreensão para os estudantes que fazem parte do curso de Ciências Contábeis. Com base nas falas de Rio Ariranha e Rio Uruguai, há um esforço grande por parte do docente em fazer com que o estudante entenda a importância da pesquisa dentro da universidade, bem como, em despertar no acadêmico o interesse pela pesquisa, pelo estar em constante busca, pelo ler, e pela investigação de um tema de relevância para a comunidade acadêmica. Sendo a pesquisa parte do trabalho docente na Educação Superior, entende-se que os desafios dela decorrente fazem parte do universo do docente, da complexidade das tarefas designadas aos professores que atuam na Educação Superior. Desta maneira, concorda-se com Cunha (2008) quando afirma que a atividade docente é complexa, visto que se exige dos docentes saberes diversos em atividades diversas e complexas.

Com relação à extensão, os colaboradores responderam que encontram desafios quanto à implantação de projetos de extensão, em motivar pessoas para que façam parte dos projetos, e a dificuldade de destinar um tempo dentro da carga horária para de fato realizar, participar e executar um projeto de extensão. Dentre os entrevistados, dois professores afirmam que não se envolveram com projetos de extensão, e dentre os que responderam que tinham algum envolvimento frisaram que esse envolvimento é pequeno, principalmente com projetos de longa duração, se engajando somente em poucos projetos de curta duração.

Um dado relevante entre os colaboradores é que dos dez entrevistados, nove já estiveram ou estão em cargos de gestão dentro da universidade. Dentre os cargos destacam-se a coordenação do curso de Ciências Contábeis, coordenação adjunta do curso de Ciências Contábeis, coordenação do Programa de Pós-graduação em Administração e Contabilidade, coordenação da Incubadora Tecnológica, diretor de área de Ciências Sociais e Aplicadas, diretoria de Finanças e Contabilidade, e Vice-reitoria de Administração. Logo, exercer um papel de gestão dentro da universidade é corriqueiro e rotineiro para os colaboradores.

Tendo em vista este dado relevante, questionaram-se os colaboradores sobre seus cargos de gestão e os possíveis desafios que encontraram, ou que vem encontrando em seus trabalhos como gestores. As suas respostas salientam a dificuldade em lidar com pessoas, com os desafios dos procedimentos e dos processos que são próprios da universidade. Nas palavras dos colaboradores:

[...] você não é preparado para ser gestor. [...] você vai se tornando gestor. [...] você tem uma equipe para gerenciar, você tem que exercer a liderança, dificuldades eu tenho até hoje [...] e estando em um cargo de gestão, você tem que delegar, você tem que chamar o teu colaborador e dizer assim “tem isso para você fazer, tem isso para você fazer”. [...] na coordenação minha maior dificuldade foi que me tornei coordenadora de quem sempre foi meu professor, quem me formou. [...] A minha maior dificuldade na gestão mesmo foi lidar com essas pessoas [...] eu não me sentia confortável em cobrar uma coisa de quem foi meu professor. (Rio Jacutinga).

[...] o desafio sempre foi a questão da viabilidade econômica. [...] dentro de uma universidade sem fins lucrativos, a maioria dos alunos são provenientes das classes menos abastadas, com dificuldades, e por outro lado você precisa manter um corpo docente qualificado e incentivá-los ao mestrado e doutorado. [...] acho que a gestão realmente deve-se preocupar muito com a qualidade, especialmente a partir de um corpo docente motivado dentro daquilo que é possível. (Rio das Antas).

[...] quantidades de demandas muito elevadas da capacidade que a instituição tem de atender, principalmente do ponto de vista financeiro. [...] isso acaba gerando uma necessidade de articulação, de explicação, de conversa muito grande para as pessoas entenderem que determinadas coisas precisam ser escolhidas e que algumas vão ficar de fora da escolha. [...] na universidade a gente tem quarenta e poucos cursos, com formações diferentes, então, os olhares sobre o mesmo objeto são muito diferentes. [...] toda decisão que você toma, você está sendo sujeito a não agradar uma parte considerável que olha para aquilo diferente de quem decidiu. (Rio Uruguai).

[...] a gestão é um desafio, porque é outro modelo. [...] tem outra estrutura, [...] é regrado, tudo tem processos, procedimentos, editais. Isso é muito diferente do modelo que eu era habituada na empresa. (Rio Irani).

Assim sendo, a partir dos diálogos, os entrevistados realçam as dificuldades e desafios enquanto gestores dentro da universidade. Chama-se a atenção para as palavras de Rio Jacutinga ao dizer que não se é preparado para ser gestor, e para as palavras de Rio Irani ao mencionar que é um desafio por ser um modelo diferente do que uma empresa. Os profissionais formados em Ciências Contábeis supostamente estão habilitados para serem gestores e administradores em organizações. Contudo, no exercício profissional da gestão dentro da universidade, se deparam com procedimentos e processos que exigem habilidades e saberes gerenciais diferenciados.

Conforme Junior, Abreu, Bobsin e Leão (2005), as universidades possuem estruturas complexas, com métodos e sistemas diferenciados de qualquer outra estrutura ou organização existente na nossa sociedade. Neste sentido, os autores evidenciam que seus dirigentes, além da competência para a gestão, necessitam de conhecimentos, habilidades e atitudes diferentes, onde as pressões para as tomadas de decisões estão diluídas em todos os níveis da organização, através de vários conselhos e colegiados. Ainda, para os autores, a universidade é mais um sistema político-epistemológico, do que uma organização burocrática, ou mesmo uma organização empresarial.

Nesta perspectiva, os autores comentam que na universidade, em termos de formulação de políticas, constata-se que o poder é difuso, sendo o processo gerencial marcado pela sobreposição de funções executivas, legislativas e fiscalizadoras. Dessa forma, é no nível operacional que acontece a articulação entre os variados grupos, para influenciar a estrutura acima na tomada de decisão, imersa em uma rede de órgãos colegiados. Por fim, os autores esclarecem que as diferenças entre as perspectivas das atividades acadêmicas para com as atividades administrativas, marcam um conflito estrutural na universidade. Esta discussão carece de maiores estudos e aprofundamentos sobre a gestão na universidade, o processo de gerir uma universidade, a compreensão da estrutura gerencial da universidade, as atividades que a universidade engloba, e

o entendimento sobre o que é gestão para os que estão a frente desta atividade, isso sem contar os conflitos, tensões e dilemas em que vivem a universidade e os seus gestores em nosso século.

Ainda sobre as falas dos colaboradores, Rio Jacutinga também menciona a dificuldade em estar na coordenação e se deparar com a situação de estar junto com os professores que fizeram parte de sua formação, e ter que conversar com eles para, por exemplo, dar um retorno sobre a avaliação realizada pelos acadêmicos na disciplina que ministrou. Neste ponto, Rio Ariranha comenta que “[...] o maior desafio pra mim é entender que hoje estou num papel de docente, de colega de todas essas pessoas, e que eu faço parte de um time junto com eles. [...] para mim é estranho, mas hoje mais ou menos metade do nosso curso deu aula para mim”. Deste modo, também são destacados os desafios relacionados com as pessoas, com o lidar com as pessoas, e de estar uma posição desconfortável em certos momentos. Conforme Rio Uruguai aponta, em uma instituição com mais de quarenta cursos diferentes, há diferentes olhares sobre o mesmo objeto, e como gestor você corre o risco de tomar uma decisão em que uma parte considerável vê o objeto de outra forma.

Outro desafio indicado pelos entrevistados diz respeito à motivação do corpo docente quanto ao seu trabalho dentro da universidade, e da condição financeira dos acadêmicos que adentram na universidade. Sobre a situação financeira Rio Chalana exalta que o desafio se encontra “[...] principalmente na questão de inadimplências, que é um fator preocupante em todas as organizações”. Logo, como manter um salário alto aos professores, e manter os docentes motivados a trabalhar na universidade, e com boas condições de trabalho, tendo em vista que muitos dos acadêmicos são provenientes das classes menos abastadas e com dificuldades financeiras? Este é o desafio apontado por Rio das Antas.

Deste modo, corroborando com Cunha (2008), os desafios atuais dos docentes na Educação Superior cada vez menos dizem respeito somente ao domínio de conteúdos de suas matérias de ensino, embora não possamos esquecer-nos disso. Conforme exposto pelos colaboradores, a complexidade consiste em conciliar as atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão, e ainda serem capaz de atuar com maestria em todas estas atividades dentro da universidade. Compreende-se que desenvolver todas estas atividades, ainda mais com maestria, é uma impossibilidade, visto que se torna inviável e impraticável realizar todas estas atividades – com maestria – pelos professores que estão inseridos na Educação Superior, como bem se apresentam nas falas dos colaboradores desta pesquisa.

Ainda, visualiza-se que o trabalho docente na Educação Superior é marcado por tensões e conflitos e que são variadas as inquietações que tomam conta destes docentes, conforme exposto ao longo deste diálogo. Assim, conclui-se ressaltando que discutir sobre os desafios da docência na Educação Superior é também aproximar com o diálogo do processo de formação para a docência, compondo, dessa forma, o percurso e a trajetória dos docentes inseridos na Educação Superior.

4 Considerações finais

Quanto às considerações finais é necessário esclarecer que tal estudo não teve como finalidade “concluir”, “acabar” ou mesmo “resolver” os problemas, dilemas, e contradições evidenciados referentes aos desafios apontados no trabalho docente na educação superior. Antes,

Realização:

tem como pretensão alargar os horizontes sobre o tema proposto, tecer considerações a respeito do tema, potencializando um diálogo sobre tais assuntos dentro do campo das ciências contábeis. Ter como objetivo geral compreender quais os desafios encontrados no trabalho docente na educação superior, considerando a perspectiva de professores do curso de graduação em ciências contábeis perpassa em estudar o objeto a partir de horizontes que se fundem, se encontram, se entrelaçam, se alargam e conduzem ao movimento, à interpretação constante, e ao deslocamento do olhar frente ao objeto estudado.

Neste universo, a discussão sobre os desafios da docência na Educação Superior, para os colaboradores desta pesquisa, compreendeu um momento de desabafo, um espaço de discussão em que os entrevistados puderam se expor e falar daquilo que vivenciam em seu cotidiano, na sala de aula, na sua prática, no seu trabalho, e que desembocam também em sua formação. Desse modo, os interlocutores afirmaram que a sua formação não ofereceu a base para enfrentar os desafios que encontram na Educação Superior. Neste caso, um tema que emerge desta discussão é a importância de compreender as limitações e possibilidades da formação, reconhecendo que ela nem tudo podem prever acerca da vida dos estudantes egressos. Por vezes, esperamos que a formação possa prever e “resolver” problemas futuros. Frente a imprevisibilidade do mundo, uma idealização que merece ser melhor discutida.

Dentre os desafios apontados, realçam-se os que se referem à educação à distância, a formação do professor para a educação à distância, a mudança no perfil do estudante e em como isso afeta a prática pedagógica e o trabalho docente dos professores, a complexidade em conciliar ensino, pesquisa, extensão e gestão, como desafios profissionais dentro da universidade. A própria condição para o exercício do trabalho docente revelou-se como um desafio, apontando para a relação com os estudantes, em como manter o estudante focado em suas aulas, a construção pedagógica em suas disciplinas para melhor formar o acadêmico, o cumprimento do plano de ensino, o processo avaliativo, as tecnologias, instigar para que se dediquem em leituras e trabalhos extraclasse e em atender aos objetivos e intenções dos estudantes com relação ao curso.

Ainda, os desafios que emergiram nesta pesquisa incitam ao problema de conciliar todas as atividades atribuídas aos professores que se inserem na Educação Superior, a amplitude destes ofícios requisitados aos professores, ao que vem externamente trazido pelo acadêmico e que se refere às informações e ao mercado de trabalho, as restrições de recursos, a dificuldade em estabelecer um processo mais interativo com as empresas, à comunidade e ao ambiente externo da universidade, e as responsabilidades derivadas do seu trabalho e destas atividades. Por este motivo, o aumento das demandas para os professores gera uma fragmentação da capacidade de trabalho do docente frente às diversas exigências requisitadas, em que o tempo para desempenhá-las é cada vez mais reduzido.

Deste modo, ratifica-se o que Cunha (2008) aponta, ao dizer que os desafios atuais dos docentes na Educação Superior cada vez menos dizem respeito somente ao domínio de conteúdos de suas matérias de ensino. Os colaboradores se veem como responsáveis pela formação dos futuros profissionais e prezam por uma formação humana, assim como se veem dentro de conflitos, tensões e desafios que impactam significativamente na sua prática pedagógica e no seu trabalho docente dentro da universidade. Por isto, a discussão sobre o processo e percurso formativo para a docência pauta-se também nos desafios que despontam do trabalho dos

Realização:



professores dentro da universidade.

Como sugestão para futuras pesquisas e horizontes de estudo sugere-se questionar qual a compreensão da pesquisa para os colaboradores, quais as condições objetivas do professor e do aluno em um processo de pesquisa, qual a concepção de ciência, e se a pesquisa poderia ser entendida como um “princípio formativo”. Estas questões surgiram após o término das entrevistas, durante a análise das falas e poderiam ser trabalhadas em pesquisas futuras. Sugere-se também desenvolver o diálogo sobre a gestão na universidade, o processo de gerir uma universidade, a compreensão da estrutura gerencial da universidade, as atividades que a universidade engloba, e o entendimento sobre o que é gestão para os que estão a frente desta atividade, isso sem contar os conflitos, tensões e dilemas em que vivem a universidade e os seus gestores em nosso século.

REFERÊNCIAS

- Cunha, M. I. (2008). *Inovações pedagógicas: o desafio da reconfiguração de saberes na docência universitária*. São Paulo: Cadernos pedagogia universitária – Universidade de São Paulo.
- Junior, V. F. S., Abreu, I. M. C., Bobsin, D., & Leão, R. A. (2005). Universidade: uma organização burocrática ou um sistema político? *V Colóquio Internacional sobre Gestión Universitaria em América del Sur*. Mar del Plata. Recuperado 08 julho 2019, de <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/97435/Vitor%20Francisco%20e%20Ivoni%20Maria%20Castagna%20de%20Abreu.pdf?sequence=3&isAllowed=y>.
- Minayo, M. C. S. (2008). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11 ed. São Paulo: Hucitec.
- Rezer, R. (2014). *Educação física na educação superior: trabalho docente, epistemologia e hermenêutica*. Chapecó: Argos.
- Santos, B. S. (2011a). A encruzilhada da universidade europeia. *Revista Ensino Superior*, 41 - Revista do SNESup: Julho-Agosto-Setembro, p. 1-8.
- Schneider, P. R. (2014). Universidade. In: Gonzáles, F. J.; Fensterseifer, P. E. (Orgs.). *Dicionário crítico de Educação Física*. 3 ed. Ijuí: Unijuí.
- Soares, S. R. & Cunha, M. I. (2010). *Formação do professor: a docência universitária em busca de legitimidade*. Salvador: EDUFBA.
- Souza-Silva, J. C. & Davel, E. (2005). Concepções, práticas e desafios na formação do professor: examinando o caso do ensino superior de administração no Brasil. *Revista O&S*. 12 (35), p. 113-134.
- Stein, E. (2001). Paradoxos da modernidade. In: Stein, E. *Epistemologia crítica da modernidade*. 3. ed. Ijuí: Unijuí.
- Tardif, M. (2012). *Saberes docente e formação profissional*. 13 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Tardif, M. & Lessard, C. (2014). *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. 9 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.